

BOM RETIRO: A FORMAÇÃO DE UMA PAISAGEM URBANA

Márcio P. Santos

Mestrando em Geografia Humana no Depto. de Geografia-FFLCH/USP

RESUMO:

Procuramos neste artigo oferecer uma exemplificação de como as redes atuam no espaço, fazendo uma recuperação da história da produção espacial de uma fração do espaço urbano da cidade de São Paulo, o bairro do Bom Retiro, que ao longo da segunda metade do século XIX e início do XX teve sua "paisagem rural" metamorfoseada em "paisagem urbana", em função da implantação de redes materiais e sociais. Redes estas originadas por exigência de uma dinâmica social local associada à transição e à emergência das classes apegas ao poder de mando.

PALAVRAS-CHAVES:

Paisagem, São Paulo, Bom Retiro, redes, imigração.

ABSTRACT:

We have attempted to offer an example of how webs act in space, through a review concerning the history of production of a fraction of the urban space of the city of São Paulo, the district of Bom Retiro. This area, along the second half of the 19th century and beginning of the 20th, had its "rural landscape" changed into a "urban landscape" due to the implantation of material and social webs. These webs are created below demand of local social dynamics associated to the transition and emerging of power-owning social classes. This article is a small essay based on our master degree work, in execution at the Geography Department of the University of São Paulo.

KEYWORDS:

Landscape, São Paulo, Bom Retiro, webs, immigration.

As redes e a paisagem.

Antes de se buscar postular a definição para categorias como região, território, lugar e paisagem, sempre devemos ter em mente que são recortes espaciais. São segmentos de uma dada espacialidade total, surgidos como uma necessidade de operacionalização do conceito de espaço. São unidades operacionais que, de fato, possuem uma existência dada por objetos e ações assim relacionados em sistema,

que conferem conteúdos às localizações do espaço. Aqui estamos inspirados em Milton SANTOS (1994,1996), mas também em Henri LEFEBVRE (1974) ao adotarmos a perspectiva da produção do social do espaço.

Essas realidades espaciais podem ser segmentadas do espaço total a partir do reconhecimento de seres assim identificados por Milton Santos: "...a técnica, a ação, os objetos, a norma e os eventos, a

universalidade e a particularidade, a idealização, os símbolos e a ideologia.” (SANTOS, 1996, p.19).

Apresentadas essas considerações, como manifestação do nosso desejo em não avançarmos no debate para fins deste artigo, escolhemos a paisagem como nosso recorte de uma realidade espacial, uma subespacialidade. Porém, a paisagem aqui é abordada em apenas um dos aspectos que a definem: as redes materiais e sociais. Mas o que são as redes? A despeito de todo o debate levantado por Milton Santos (SANTOS, 1996, p.208-222), as redes podem ser definidas como sistemas estruturados que comunicam e permitem uma comunicação, objetivados numa realidade material e social assim imbricadas. Como são formadas? : “As redes são formadas por troços, instalados em diversos momentos, diferentemente datados, muitos dos quais já não estão presentes na configuração atual e cuja substituição no território também se deu em momentos diversos. Mas essa mudança não é aleatória. Cada movimento se opera na data adequada, isto é, quando o movimento social exige uma mudança morfológica e técnica.” (SANTOS, 1996, p.209).

As redes, esses sistemas estruturados e comunicantes, agem através de uma solidariedade técnica. Esta, a técnica, a gênese de toda rede, é responsável também por sua morte.

As redes se formam num dado momento da história, em que um conjunto de fatores são exigidos pela dinâmica social local e global, combinados numa dada localidade, e que terminam por gerar uma ação mobilizadora em direção à mudança espacial.

Essa comunicabilidade das redes, através da solidariedade técnica, nos permite analisar o espaço em diferentes níveis, que são basicamente três:

“Através das redes, podemos reconhecer, grosso modo, três tipos de solidariedade, cujo reverso são outros tantos níveis de contradições. Esses níveis são nível mundial, o nível dos territórios dos Estados e o nível local.” (Santos, 1996, p.215).

O local, o lugar, o terceiro nível.... a paisagem. Nesta última, as redes se manifestam e alcan-



çam o indivíduo, porém, apenas sob a forma de um fragmento: os fragmentos de redes.

Trazendo essa postulação a fim de buscarmos exemplos, volvemo-nos para uma recapitulação da história do desenvolvimento de um espaço urbano nacional que se formou ao longo do século XIX, e que teve na sedimentação das redes a sua real afirmação. Como adotamos o nível da paisagem, temos que, necessariamente, trabalhar com fragmentos de redes, tendo em vista que estas, em sua extensão, podem ir do local ao mundial, exigindo uma análise espacial mais complexa. Dito isto, remontamos às

redes que se formaram a partir da segunda metade do século XIX até o início do século XX, numa dada fração do espaço nacional, e viabilizaram a transformação de uma fração do espaço urbano da cidade de São Paulo, originando o bairro do Bom Retiro. Como veremos, as grandes redes que impulsionaram um movimento em direção à mudança da paisagem local foram: as redes institucionais e administrativas, as redes de comunicação (transportes, neste caso), e as redes sociais – aquelas que atravessam os objetos – vista na formação e influência de uma classe dirigente local e nas imigrações. Desta última, nos estenderemos um pouco mais até a atualidade, pois apenas focalizaremos sua influência numa faceta que envolve o ambiente construído: o partido arquitetônico.

A história do Bom Retiro é abordada, por seus principais historiadores¹, a partir da identificação e do loteamento das chácaras de final de semana, que ocupavam o lado esquerdo do antigo “Caminho do Guaré” no sentido norte da cidade de São Paulo. Contudo, antes de havermos com datas e “pedras fundamentais” de uma historiografia urbana tradicional, estamos mais preocupados em aglutinar fatores e processos que desencadearam a transformação de uma “paisagem rural” em uma incipiente “paisagem urbana” inserindo um subespaço – que viria a ser conhecido como Bom Retiro, na lógica do desenvolvimento de uma totalidade urbana a cidade de São Paulo.

A rede material

Situado na direção norte paulistana, a não mais do que três quilômetros do centro histórico da cidade (delimitado pelo famoso triângulo), o Bom Retiro dependeu, de início, de uma ação do poder público para seu desenvolvimento urbano, que estimulou, através de variados mecanismos, a implantação de infra-estruturas. Em 1790 foram iniciadas as obras, promovidas pelo governo da província, do que viria a ser o futuro “Horto Botânico”. Porém, concluído apenas em 1825 com a denominação “Jardim da Luz” passou a ser um dos maiores espaços abertos dedicados à recreação dos paulistanos, tornando-se centro turístico e, posteriormente, até cartão postal. Além do lazer, a entidade “jardim” naquela época, diferentemente dos parques, tinha um significado mais simbólico e de relação social para as classes altas da sociedade paulistana – ainda dominada pela aristocracia cafeeira. Como bem lembrou Nestor Goulart², o jardim era o lugar onde se passeava vestido de fraque, gravata, cartola e outros adereços que ditavam o gosto da elite paulistana. A construção de jardins, com muitas árvores exóticas, era mais um desejo excêntrico, uma maneira de se aproximar dos hábitos requintados da sociedade européia da época, que teve seu auge na “Belle Époque”. Mas o gosto da elite paulistana não era visto apenas nos jardins e parques, mas também em suas residências urbanas – onde predominava o estilo neoclássico – e, principalmente, nas chácaras de final de semana que se ergueram ao redor do “triângulo” paulis-

¹ DERTÔNIO, Hilário. “*O Bairro do Bom Retiro*” PMSP/SMC, São Paulo, 1971. Excelente historiografia do bairro, porém mais descritiva do que analítica. O autor descreveu a história da gênese do bairro, de algumas de suas edificações e das principais ruas. FINA, Wilson Maia. “*O Bairro do Bom Retiro e seus primórdios*” Obs: Este artigo ainda não possui referência, trata-se de uma brochura na qual ainda estamos procurando a fonte, talvez publicado pelo Instituto Histórico e Geográfico.

² REIS FILHO, Nestor Goulart. “*São Paulo e outras cidades: produção social e degradação dos espaços públicos.*” Ed. HUCITEC, São Paulo, 1994. O autor faz uma recuperação histórica dos espaços públicos e demais infra-estruturas significativas, em sua maior parte da cidade de São Paulo.

tano, principalmente na direção dos rios Pinheiros, Tietê e Tamanduateí, representando uma evolução da casa grande e senzala do interior. Em direção aos campos do Guaré, do lado esquerdo do antigo caminho do mesmo nome, avistavam-se, desde 1860, as chácaras do Marquês de Três Rios, da família Dulley, a do "Sítio Carvalho" e a de Manfred Meyer, ficando esta mais em direção à várzea, onde seu dono mantinha a primeira olaria da cidade, a "Olaria Manfred". Uma segunda função pública a se instalar nos campos do Guaré, ou da Luz, foi a Cadeia Pública, construída em 1858, ao lado do Jardim da Luz.

No decorrer da segunda metade do século XIX, a cidade foi se modernizando e a necessidade de mão de obra especializada, gerada pelo desenvolvimento da indústria, era cada vez mais crescente – ainda que, por essa época, existiam indústrias que se utilizavam de mão-de-obra escrava. Essa preocupação era levada em conta pela emergente e, cada vez mais forte classe capitalista local, que, em 1873, inspirada em ideais positivistas e com apoio do poder governamental, fundou uma entidade voltada especificamente para instrução popular, denominada "Sociedade propagadora de instrução popular". Um dos produtos dessa "política educacional" foi a criação do "Liceu de Artes e Ofício" e do grupo escolar "Prudente de Moraes". Estas duas instituições vieram inaugurar uma característica do Bom Retiro que seria referência para toda a cidade – a sua função de centro educacional notório, reunindo os melhores institutos e faculdades. Pois bem, essas duas instituições também foram erguidas em terrenos tomados junto ao Jardim da Luz. Essa intervenção urbana teve incentivo direto do poder municipal, através de esforços do prefeito Benardino de Cam-



pos que "...encaminhou projeto de lei à assembléia legislativa cedendo o terreno no Jardim e criando subvenção de 100 contos para a construção além de outros benefícios." (FRANCO & BRUNA, 1977. p.68)³.

Mas o evento a causar o maior impacto na paisagem ainda bucólica do Campos do Guaré foi a implantação da primeira ferrovia que faria a ligação da cidade de São Paulo com o Porto de Santos: a São Paulo Railway – que foi o maior advento técnico da primeira urbanização da cidade. Inaugurada em 1867, esta ferrovia, depois transformada na atual estrada de ferro "Santos-Jundiaí", veio a compor o eixo mestre do sistema ferroviário Paulista, completado pela Cia. Paulista de Estradas de Ferro, em 1868; pela estrada de ferro Sorocabana, em

³ DPH/PMSP. Arquivo de Negativos.

⁴ FRANCO, Luiz Roberto C. & BRUNA, Paulo Júlio. "Área da Luz: Renovação urbana em São Paulo". Ed. Perspectiva. São Paulo, 1977. Livro resumindo o projeto de revitalização da "Área da Luz" levado a cabo pelo escritório de Rino Levi, em 1975.

1870; e pela Cia. Mogiana de estrada de ferro, em 1872. Esse eixo ferroviário, que fazia a comunicação do interior Paulista com a cidade, e desta com o litoral, dinamizou o fluxo de mercadorias e pessoas, numa época em que as dificuldades encontradas com o transporte da produção começavam a prejudicar a rentabilidade e competitividade do setor agrícola voltado principalmente para a cafeicultura. Pois bem, a “São Paulo Railway” veio a ser a porta de entrada de muitos imigrantes na cidade de São Paulo, e principal meio de transporte da produção da incipiente indústria paulistana. Junto a ela foi construída a pequena Estação da Luz, que apesar de ser uma das mais modernas da época, viria a ser demolida em 1900 para ceder lugar, em 1901, a uma sucessora ainda mais imponente. Esta, de grande porte, pré-fabricada na Inglaterra, passou a ser referência para toda a cidade, servindo de ponto turístico e tornando-se um dos seus principais cartões postais. Com a ferrovia surgiram, associados direta ou indiretamente a ela, vários equipamentos e edificações, além das estações como galpões e oficinas de locomotivas, carros e vagões, alfândegas, armazéns de mercadorias, etc.

Com todos esses equipamentos de grande porte – a ferrovia, a estação, as fábricas, os galpões,

as oficinas, as instituições de ensino – concentrados nas cabeceiras do Campos do Guaré, esta região passou por um processo contínuo de valorização de seu entorno, tornando-se interessante para os donos de terras e chácaras especular, com suas propriedades, no mercado imobiliário que se agitava na época.

Por volta dessa época o judeu alsaciano Manfred Meyer, percebendo as tendências do mercado imobiliário – sobretudo os loteamentos de sucesso que seus vizinhos, os alemães Glette e Nothmann, realizaram nos Campos Elíseos – preocupou-se em valorizar suas terras. Possuidor da primeira grande olaria da cidade, a “Olaria Manfred” e detendo grande área das terras junto à várzea do Bom Retiro, Manfred Meyer não mediu esforços para que o poder municipal as arruasse. Para tanto, projetou em uma planta de sua autoria um arruamento aleatório para sua chácara, que, após uma primeira recusa pela municipalidade, foi aprovado, em 1881, depois de corrigido segundo as diretrizes antes aprovada na Câmara para toda a região. Com a regularização do tráfego ferroviário e o adensamento de equipamentos junto à ferrovia, o Bom Retiro ficou com certo isolamento em relação aos bairros dos Campos Elíseos, Santa Ifigênia e Luz, que faziam a ligação com o centro novo da cidade de São Paulo. No arruamento de

Manfred Meyer previa-se o prolongamento da rua João Teodoro que partia do Pari, um bairro do lado direito do Campos da Luz, na direção norte, atravessava a avenida Tiradentes e alcançava o Bom Retiro, tangenciando o parque da Luz e a Cadeia Pública, até alcançar a rua Silva Pinto, onde, finalmente, foi erguida uma porteira, que resolvia de maneira precária a situação de isola-



Vista do Bom Retiro a partir do mirante do Jardim da Luz⁵

⁵ DPH/Eletropaulo. Arquivo Fotográfico.



Estação da Luz em 1910⁶

mento do bairro⁷ Apesar disso, a ligação do Bom Retiro com o centro da cidade somente foi resolvida com a construção de duas passagens de nível nos trilhos da ferrovia por volta de 1884 e em 1890, respectivamente, ligando a Alameda Nothmann – no Campos Elíseos – à rua Silva Pinto; e a rua José Paulino à rua General do Couto Magalhães – no bairro da Luz.

A produção da paisagem local do Bom Retiro, se assim podemos dizer, à semelhança dos bairros situados junto à várzea dos rios Tietê e Tamanduateí, foi beneficiada pela formação de uma rede local que foi sendo consolidada no final do século XIX e início do XX, com a progressiva instalação de um conjunto de instituições públicas e privadas, assim como a presença da ferrovia São Paulo Railway. Tais redes contribuíram para o ímpeto especulativo imobiliário e a implantação das primeiras indústrias. A importância de vias férreas e da indústria no processo de urbanização da cidade de São

Paulo foi muito bem demonstrada por Pasquale Petrone⁸, onde aquelas aproveitaram-se das áreas de fundo de vale e de várzea, por serem adquiridas por um preço menor, além do fato de estas serem desprezadas como local de moradia. *“Não resta dúvida que as principais áreas industriais acompanharam as vias férreas...mas inegavelmente, foi a função industrial, mais do que qualquer outro fator, que ocasionou seu crescimento e sua expansão em área. O fato de terem estradas de ferro, aproveitando os vales onde os terrenos podiam ser obtidos a baixos preços pôr não serem apreciados como locais de moradia; atraiu estabelecimentos*

fabris, cresceu desse modo a área urbanizada, e as várzeas do Tamanduateí e do Tietê, naquele trecho, deixaram de ficar ao abandono.” (AGB, 1958, p.104). As áreas de várzea eram rejeitadas pelas classes abastadas também por uma questão sanitária – na época



Aspecto do Campo da Luz e da várzea do Bom Retiro em torno de 1880⁹

⁶ DPH/PMSP. Arquivo de Negativos.

⁷ Essa história é contada em detalhes no artigo, supracitado, de Wilson Maia Fina. Aqui apresentamos um resumo, que visa nossos interesses em arrolar fatores.

⁸ Associação dos Geógrafos Brasileiros – Seção regional de São Paulo. *“A cidade de São Paulo : estudos de Geografia Urbana”* Cia. Editora Nacional. Vol. II – “A evolução urbana” 1958.

⁹ DPH/Eletropaulo. Arquivo fotográfico.

o saneamento básico ainda era precário na cidade. Dessas redes derivaram-se outras, uma rede social, se assim podemos dizer, que é em si mesma complexa, mas por aqui abordaremos uma de suas frações, vista na configuração do movimento e do assentamento imigratório que se dirigiu ao Bom Retiro.

A rede social

A partir de 1880, uma vez iniciado o processo de loteamento do bairro, os primeiros imigrantes a ocuparem de fato o Bom Retiro foram os italianos sua vinda decorreu de uma série de fatores conjugados que, a partir da segunda metade do século XIX, motivaram a entrada de um número significativo de imigrantes no Brasil, por diversos fatores tais como: o fim do tráfico negreiro e a posterior abolição oficial da escravatura em 1888, a necessidade de mão-de-obra assalariada para cafeicultura e indústria, a política de subsídio à imigração realizada pelo governo, o lucro dos negócios com as companhias da colonização, a propaganda do Brasil no exterior, a crise agrícola no sul da Itália, agravada pelo incremento populacional, etc. Uma vez no Bom Retiro, os imigrantes formaram a base da mão-de-obra para a indústria local.

Uma vez desenvolvidas as vias de comunicação e facilitada a implantação de indústrias, formaram-

se vários bairros operários em áreas consideradas até então como periféricas à cidade de São Paulo. Logo, à semelhança de bairros como o Brás, Barra Funda, etc., o Bom Retiro – dominado pela presença italiana, do final no século XIX e início do XX – podia ser considerado, essencialmente, como um bairro operário. Apesar da predominância industrial, a presença do comércio também era significativa. Caso atípico da presença italiana em São Paulo se fez observar na ocupação e desenvolvimento do bairro do Bixiga, que, além de não se situar na várzea em sua maior parte, não possuía indústria significativa, e se tornou um bairro basicamente artesões e de serviços.

Compondo o maior número do contingente imigratório entrado em São Paulo, a influência dos italianos, que se instalavam então no Bom Retiro, para atender à necessidade de mão-de-obra, se fez sentir na produção da paisagem, principalmente na arquitetura de moradia popular. Em termos gerais, a casa do operário demonstrou uma evolução do padrão de moradia colonial que vigorava no Brasil nos últimos três séculos. Sua casa geralmente procurava ocupar o máximo das possibilidades oferecidas pelo lote, mas, apesar disso, já apresentava calçamento, indicando um primeiro afastamento da casa em relação à rua assim como o recuo lateral este propiciando um maior arejamento dos interiores. Mais alta do que a casa colonial, desta vez construída de tijolos, geralmente possuía um porão alto com a presença de óculos ou seteiras. A entrada lateral era protegida por um portão de ferro com adereços. O telhado podia ser de duas a quatro águas, onde já se utilizavam telhas do tipo marselha, que eram escondidas da rua com o recurso das platinbandas. Nessas residências podíamos encontrar com facilidade os trabalhos dos italianos conhecidos como “caponastri” – hábeis mestres de obras que procuravam dar um requinte a mais



Rua José Paulino antes de 1900¹⁰

¹⁰DPH/Eletropaulo. Arquivo fotográfico.

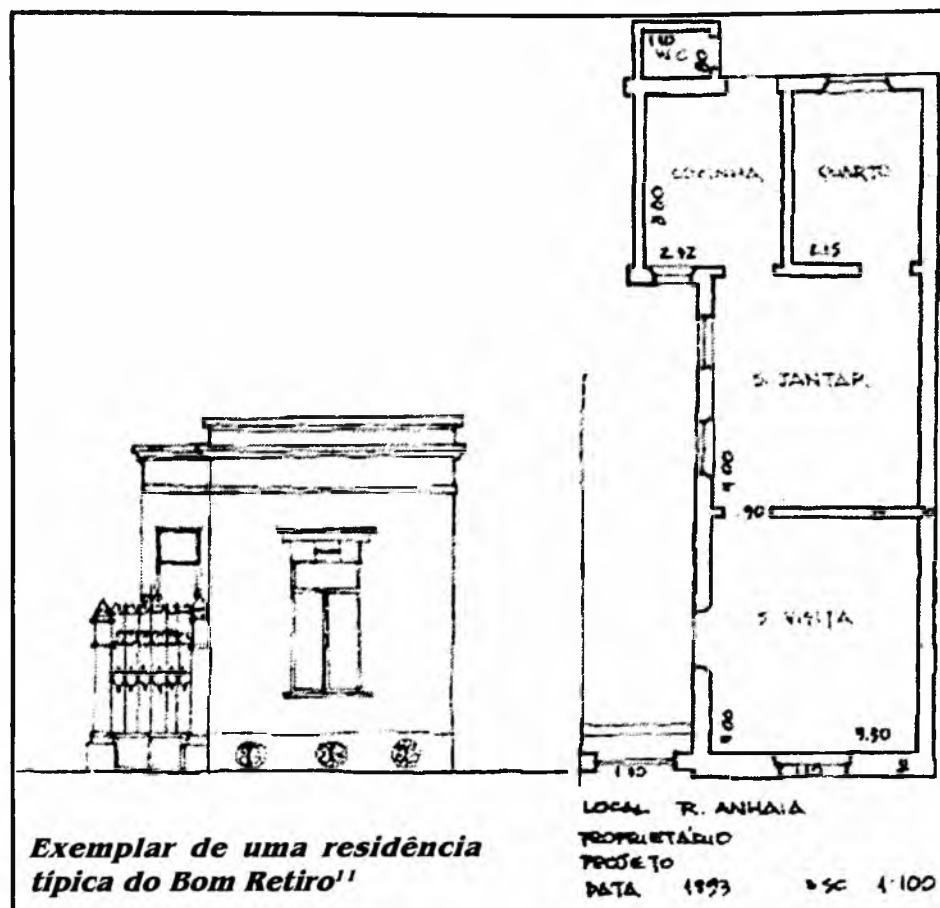
para a casa, com seus ornatos, cornijas, molduras, frisos, pilastras, bem formados com o uso de estuque.

Podemos dizer que as linhas gerais da paisagem do bairro foram definidas durante a época em que o predomínio da população local era de italianos, compondo um período que vai de 1890 à década de 1930 aproximadamente. E assim vimos crescer as vilas, quintalões e cortiços ao lado de fábricas, galpões, oficinas, etc.

As construções de maior porte, que geralmente ficavam a cargo do poder público, de industriais ou instituições privadas, procuravam seguir o padrão da época, dominado pelo estilo neoclássico (conjunto da Escola Politécnica, de 1894), com algumas incursões pela "Art-Nouveau" (Colégio Santa Inês, de 1907), e com o abuso do "Eclétismo" (Faculdade de Odontologia e Farmácia, de 1905).

A presença italiana no bairro foi se reduzindo ao longo da primeira metade deste século. Diferentemente dos demais contingentes imigratórios dominantes, presentes no bairro, os italianos eram essencialmente católicos, a religião oficial do país, o que facilitou sua inserção social junto à população brasileira, somando-se a isso o fato de a constituição familiar ser a mesma. Como em sua maioria eram operários, não houve grande formação de patrimônio ligado à produção industrial, ao comércio ou a outros negócios locais, que justificassem a permanência dos seus filhos no bairro, pois à medida que tornavam-se profissionais, iam evadindo do bairro e se espalhando para outros lugares da cidade.

Hoje a presença italiana se restringe à região que vai da rua Solon em direção à várzea – ainda são figuras comuns nas ruas desse trecho do bairro, onde situa-se a maioria das vilas. Nesta área encontramos ainda algumas cantinas e restaurantes de pequeno porte, mercearias e uma ou outra pizzaria. É muito comum encontrar os italianos na paróquia Santo Eduardo, seja em dia de missa ou quermesses, nos



clubes Nacional do Bom Retiro e "Corinthinas", fazendo o seu tradicional "barulhinho" (jogo de cartas) ou jogando "bocha"

Por serem uma comunidade aberta, e de tradição católica, os descendentes de italianos se adaptaram à vida nacional, não necessitando de espaços diferenciados para desenvolver uma sociabilidade, diferentemente do judeu e do coreano, que viriam depois e tiveram sua inserção na sociedade nacional prejudicada, visto que, de maneira geral, formariam comunidades fechadas, quer através da religião, quer através da língua, como explicaremos a seguir.

A presença dos italianos no Bom Retiro começou a diminuir notadamente a partir dos anos 30, quando a incursão do imigrante judeu e de outras origens se fez sentir mais forte, ao mesmo passo em que seu aspecto de "bairro operário" foi cedendo lugar a uma função mais comercial.

¹¹DPH/PMSP. Arquivo Washington Luis.

Podemos aferir a presença dos judeus no Brasil desde a época da imigração italiana, porém de maneira não muito significativa em termos numéricos. Além dos motivos internos do Brasil, semelhantes aos que motivaram a vinda dos demais imigrantes, se fez importante como fator externo a entrega do território da Alsácia e Lorena, em 1871, para a Alemanha – fator estimulador da primeira vinda significativa de judeus ao país. Porém o “ciclo” migratório da população judaica começou com a chegada de judeus russos, em 1891 a São Paulo, e continuou sem interrupções até a I Grande Guerra. Após esta pausa, foi retomado no período entre guerras, sendo somados aos judeus russos, a vinda de judeus do extinto império Turco-otomano e da Alemanha estimulados a emigrar por causa da perseguição nazista. Em 1937, o Estado Novo, ao iniciar as políticas de restrição à imigração, deu uma “atenção” a mais para o povo judeu, pondo quase fim à entrada no país de refugiados desta comunidade. Apesar disso, ao tomarmos totais numéricos, vemos que a presença do imigrante judeu no país e em São Paulo sempre foi muito tímida. Segundo o levantamento realizado por Egon WOLFF e Frieda¹² (1988), o total de judeus existentes no Brasil, em números levantados pelo recenseamento de 1940, era de 55.563 indivíduos; cerca de 1.35% do total da população nacional, porcentagem esta que se manteve constante ao longo da década de 1950, apesar da vinda de judeus húngaros e egípcios. Não obstante à sua inferioridade numérica em termos nacionais, e até mesmo na cidade, o destaque dos judeus se deve ao fato de concentrarem-se numa pequena parcela do espaço urbano central paulistano, notadamente no bairro do Bom Retiro.

Apesar de, desde o início da sua formação, o Bom Retiro possuir estabelecimentos comerciais, muitos ainda em mãos de portugueses, foi somente com a inserção do imigrante judeu que a função comercial do bairro passou a ser predominante; mas isso somente a partir da década de 1920. Com os judeus vieram novas modalidades de se negociar, associadas à confecção e importação de artigos finos, concentrando-se no ramo de roupas, malharia e tecidos. De início inovaram, vendendo mercadorias de porta em porta, geralmente em casas de operários italianos, parcelando o pagamento em algumas prestações, sendo por isso conhecidos como “russos à prestação” ou “turcos à prestação”, dependendo de sua procedência, sempre generalizada pelos moradores. Em sua bagagem, além de roupas e tecidos, freqüentemente encontrava-se artigos domésticos. Uma vez conseguindo acumular um certo capital, partiam para a abertura de um negócio próprio, geralmente concentrado no setor de confecção, lojas de tecidos ou de roupas, mas também algumas fábricas. Em 1920, já era significativo o número de estabelecimentos nas mãos de judeus no bairro, como bem nos exemplifica Egon e Frieda Wolff: *“Muitas malharias havia na rua José Paulino: Meiler e C. (n.31), Moyses Lerman (n. 118), Jacob Blumen & Filho (n. 74), Isaac Tabacow (n.5), além das casas Ismael Waisman (n.19), Cesar Lipiner (n.45)...; ainda a Casa de Móveis Goldstein,...,artigos de vime, tapeçaria, colchoaria, louças e cristais...”*¹³ (WOLFF, 1988 p.70).

A influência da comunidade judaica no ambiente construído seria vista na alteração e adaptação de várias residências para a instalação de comércio, assim como na primeira fase da verticalização do bairro, como parte do investimento na propriedade imobiliária, quando encontramos famílias donas de prédios inteiros. Um diferencial a mais será en-

¹² WOLFF, Egon & Frieda. “Guia histórico da comunidade judaica de São Paulo”. Ed. Binei B’rith s/c. 1988. São Paulo. 1988. Este livro faz um levantamento da migração judaica na cidade de São Paulo, assim como sua condição de vida no início do século e a formação das associações beneficentes, dando um destaque para o bairro do Bom Retiro.

¹³ Idem a rodapé n.5.

contrado, principalmente em suas sinagogas, o que fez do Bom Retiro o bairro onde encontramos o maior número delas no país, e talvez, no mundo – são cerca de dez, concentradas em 4 Km².

Após 1950, década de grandes migrações regionais no Brasil, essencialmente do Nordeste, seria significativa a presença de nordestinos no Bom Retiro, presença esta que carece de um estudo mais rigoroso, enquanto dado populacional e econômico influenciando no desenvolvimento do bairro – dados que, por ora, apenas supomos. De certa forma vão se destacar mais como moradores e trabalhadores do que empreendedores de algum tipo de negócio. Mas sua presença não é tão significativa quanto no Brás, Bixiga ou na periferia da cidade, como Santo Amaro.

Do final da década de 1970 até a atualidade, o bairro passou por uma terceira grande onda imigratória, desta vez representada pela coreana. Após várias experiências frustradas com a agricultura no país, nos projetos de colonização, durante a década de sessenta, os coreanos vieram para São Paulo e se concentraram, de início, nos bairros da Liberdade e Cambuci, tradicionais redutos de imigrantes japoneses na cidade. Uma vez na cidade, à semelhança dos “russos à prestação” começaram vendendo mercadorias de porta em porta, sendo geralmente produtos importados que tinham grande aceitação do público. Com um certo acúmulo de capital, associado à experiência com o comércio em seu país de origem, muitos partiram para o ramo de confecções, de início no bairro do Brás e depois, de modo mais acentuado, no Bom Retiro – onde atualmente se estima que detenham o domínio de em torno de 60% do comércio de roupas e tecidos¹⁴. Segundo os dados do consulado sul-coreano, em 1989 a sua população presente no Brasil era de 40.000 habitantes, sendo que destes 94,4% concentrados em São Pau-

lo¹⁵ (CHOI, 1991, p.210-211). Os coreanos foram, e ainda são, os responsáveis pela imposição de uma nova dinâmica ao comércio local, com a implantação do giro rápido do estoque, do ritmo de trabalho intenso em suas confecções, da venda de roupas e tecidos mais leves, em grande parte importados, da introdução de um “marketing” mais agressivo e inovador, visto sobretudo na organização e “design” de suas lojas, etc. Estes fatores colaboraram para a decadência e, ao mesmo tempo, renovação do comércio tradicional do bairro. Além da completa remodelação das fachadas de antigas lojas, muitas delas pertencentes a judeus, passaram a construir algumas igrejas que, modestas, ainda não destoam da paisagem geral do bairro.

*

Procuramos demonstrar de maneira simplificada como, uma vez lançadas as bases para a formação do Bom Retiro, os diferentes grupos imigrantes dominantes no bairro foram se sucedendo e inscrevendo suas marcas na paisagem local.

A seguir nos utilizaremos de alguns “insights” que nos ajudarão a conhecer melhor a realidade do bairro Bom Retiro. Um dos grandes ensinamentos que Marshall Berman¹⁶ nos oferece, ao relatar sua experiência como morador do Bronx, é o fato de como a ideologia de uma vida melhor – no sentido da ascensão econômica e mobilidade social do indivíduo – acaba por fazer com que aspirações mais nobres em relação a vida de um bairro não floresçam:

“Pois o Bronx de minha juventude estava possuído, inspirado pelo grande sonho moderno de mobilidade. Viver bem significa

¹⁵ CHOI, Keum Joa. “*Além do arco-íris: a migração coreana no Brasil.*” Dissertação de mestrado, Departamento de História, FFLCH-USP. 1991. Aborda a história da migração coreana no Brasil, em particular na cidade de São Paulo, incluindo sua inserção no comércio de confecção no bairro do Bom Retiro.

¹⁶ BERMAN, Marshall. “*Tudo que é sólido se desmancha no ar.*” Cia. Companhia da Letras. São Paulo, SP. 1987

¹⁴ Estimativa da Câmara de Dirigentes Lojistas do Bom Retiro.

ascender socialmente e isso, pôr sua vez, significa mudar-se fisicamente; viver uma existência perto de casa significava não estar vivo... Mas, quando você vê a vida dessa maneira, nenhum bairro ou ambiente pode passar de um estágio no percurso da vida, uma plataforma de lançamento para lutas maiores e órbitas mais amplas que as nossas... Tínhamos, como definiu Leonard Michaels, 'a mentalidade dos tipos de bairro que, tão logo possível, escapam como diabo de seus bairros'. Portanto, não tínhamos como resistir às engrenagens que moviam o sonho americano, porque nós também éramos movidos pôr eles – ainda que soubéssemos que podiam romper-nos." (*Berman, 1987, p.310, grifo nosso.*)

Por nosso turno compreendemos como tais aspirações travestidas da ideologia da ascensão econômica acabam por reproduzir uma dada situação atual, um "status quo" espacial, ao tomarmos como exemplo também os bairros próximos ao centro histórico de São Paulo, considerados com o vago título de "bairros de transição", isto é o caso do Bom Retiro, um bairro, à semelhança do Bronx, formado desde sua origem por imigrantes, e assim consolidado ao longo deste século. Ora, de certa forma, esse comportamento e aspiração de ascensão social sempre perseguem a vida do cidadão migrante na terra estrangeira. Porém, essa ascensão social dos indivíduos é quase sempre acompanhada do desejo de mudar do lugar onde se vive, pois a mudança para bairros melhores significa ter um novo "status" reconhecido pelo outro, não somente pelos seus conterrâneos, como, principalmente, pela camada da sociedade dominante local. Scarlato¹⁷ nos relata o exemplo de quando algumas famílias italianas do Bixiga conseguiam certa prosperidade econômica, muitas delas procuravam mudar-se para a chamada Vila do Ingleses, situada rente à crista do espigão da Paulista, fazendo seus limites com o tradicional bairro de italia-

nos, situado em direção à vertente do vale do Anhangabaú, através de uma imensa escadaria. Dizia-se à época que tais famílias "subiram as escadas", eufemismo popular para demonstrar que estas ascenderam socialmente. No Bom Retiro esse comportamento não foi diferente, e tem acompanhado o bairro ao longo do século. Como sua topografia não permitia escadas, atravessavam as linhas férreas ou as passagens de nível. Quando os italianos, judeus, coreanos, gregos, e outros migrantes, conseguiam aumentar seu patrimônio, procuraram logo estabelecer-se nas imediações de bairros mais "nobres" como o Morumbi, Higienópolis, Jardins, etc.. Porém, para o migrante que ascendeu socialmente, mudar também significava deixar para trás um passado e, sobretudo, um espaço de lembranças nem sempre agradáveis. Essa mudança, além de significar a possibilidade de uma vida melhor – por poder consumir um novo espaço, dotado de uma outra "simbologia" dentro do contexto urbano paulistano – possui o paradoxo de promover a reprodução das condições que colaboram para a manutenção da obsolescência da localidade de onde procederam. O que queremos afirmar com isso é que o fato de os imigrantes saírem de seu bairro geralmente acaba por colaborar para a permanência das mesmas condições que propiciaram a sua chegada ao mesmo. Condições estas que permanecem favoráveis à penetração de uma nova corrente imigratória que por ventura se forme, como é o caso da nova corrente imigratória formada pelos bolivianos. Esse processo tem se repetido no Bom Retiro, desde os tempos dos italianos, mas exemplificado de maneira mais radical dentro da comunidade judaica, assim como da dos coreanos e demais contingentes de imigrantes do bairro. Essa aspiração de ascensão social educa os mais jovens a se prepararem para a mudança, assim que melhorarem de vida. E fica assim o bairro constantemente sendo induzido a ter uma população idosa significativa, o ambiente construído com aspecto deteriorado, equipamentos urbanos envelhecidos e incapazes de atender a uma demanda de maior porte.

¹⁷ SCARLATO, Francisco Capuano. "Bixiga uma ideologia geográfica". in *Boletim Paulista de Geografia*. AGB-SP; São Paulo, SP. 1 sem. 1989.

A permanência dos mais jovens poderia significar resistência e aspiração por uma qualidade de vida melhor para o bairro. Porém, apesar de alguns esforços isolados de moradores agrupados em torno da sociedade de amigos de bairro, sabemos hoje, depois de nossas várias incursões, que o futuro do Bom Retiro está cada vez mais na dependência dos setores que comandam a economia local e que também lhe causam o maior impacto: o comércio e as pequenas e médias confecções. Isso, uma vez descartando-se qualquer intervenção maior por parte do governo no sentido de se revitalizar a área.

O Bom Retiro, um bairro?

Podemos debater a noção de bairro começando por Marcelo José Lopes de Souza¹⁸ que, em sua pesquisa sobre o conceito, procurou realçar a idéia de sua dimensão política, como um palco das lutas quotidianas, de organização, e catalisador simbólico da população local. Para este autor, os urbanistas não chegaram a oferecer um conceito definitivo de bairro, apenas forneceram elementos para uma elaboração teórica daquele. No que diz respeito à Antropologia, o ramo que chegou mais perto de uma definição de bairro foi a Antropologia Urbana, que veio reforçar o aspecto cultural que este conceito possui. A Sociologia foi, para o autor, a disciplina que mais avançou na conceituação do bairro, porém a exemplo do Urbanismo e da antropologia Urbana também não ofereceu *"...um projeto crítico de descortinamento das raízes e dos pressupostos cultural-ideológicos da noção popular de bairro e do fetichismo espacial embutido no senso comum."* (SOUZA, 1989, p.144). Enfim, depois de fazer uma retrospectiva crítica dos estudos sobre o bairro, o

autor chega à conclusão de que a noção clássica de bairro morreu com o advento do capitalismo moderno, porém, não postula nenhuma outra alternativa. Mas qual a noção clássica de bairro? O autor não nos diz, além do fato de encontrarmos em toda sua exposição a idéia de espaço como palco. Contudo, por conta de nossa pesquisa encontramos em Armando Corrêa da Silva¹⁹ uma apresentação exemplar, perfeita, de uma noção clássica de bairro, inspirada na economia política tradicional, formulada em sua tese de livre docência:

"O bairro é o lugar da vida comunitária e do poder local. Quer sua origem seja o aglomerado rural, o loteamento urbano, ou o apêndice residencial da atividade industrial ou portuária, ele se define como um conjunto restrito de edificações, mais ou menos densas, que se organizam juntamente a certo número de serviços públicos e privados a ele relacionados. Nesse sentido ele possui um significado geral válido para situações muito diversas."

O bairro metropolitano, contudo, tem outra origem, pois está ligado ao desenvolvimento do modo de produção capitalista. Ele surge ainda com a economia mercantil, tendo regionalmente várias denominações. Uma vez definida a metrópole clássica o bairro é sinônimo de existência de classes sociais diferenciadas, podendo ocorrer um misto." (SILVA, 1982, p.348).

Encontramos na fenomenologia mais uma ferramenta que veio a somar-se aos esforços de definição do que seja "bairro". De um caráter extremamente genérico de YI-FU-TUAN²⁰, onde é a visibilidade que define o que é lugar, o que é bairro, chegamos a Lewis MUMFORD²¹, que leva em consideração

¹⁸ SOUZA, Marcelo J. Lopes. "O bairro contemporâneo: ensaio de uma abordagem política." in Revista Brasileira de Geografia. Rio de Janeiro, vol. 51, n. 2, p. 139 a 172, abril/junho, 1989.

¹⁹ SILVA, Armando Corrêa. "A metrópole ampliada e o bairro metropolitano: O caso de São Paulo: O bairro da Consolação" Tese de livre docência, Departamento de Geografia. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. São Paulo. 1982.

²⁰ YI-FU-TUAN. "Espaço e lugar" Nobel

²¹ MUMFORD, Lewis. "Perspectivas Urbanas": Vecindad y unidad de vecindario". Emecé editores, Buenos Aires. Barcelona.

os limites administrativos, assim como o sentimento de se pertencer a um lugar, um certo padrão no caráter arquitetônico, assim como equipamentos de uso coletivo que permitem manifestações cívicas e de lazer definindo relações de vizinhança. Na abordagem desse autor também podemos definir o bairro pelas características topográficas, ou ainda adotarmos uma perspectiva deste ser definido por aglutinação de associações classistas que delimitam zonas bem definidas.

Segundo SCARLATO²², apesar do advento da modernização capitalista, que fez com que o sentimento de identificação dos indivíduos com os lugares praticamente desaparecesse, a noção de bairro ainda leva em consideração o convívio cotidiano de seus cidadãos, o que envolve várias relações sociais, sobretudo, as de vizinhança. Além disso, deve-se, lembra o autor, considerar a instância dos limites administrativos, apesar destes serem imprecisos, pois é o dado que atualmente tende a definir o que é um determinado bairro. Enfim passa-nos a idéia de bairro como totalidade relativa, uma “parcela do espaço historicamente determinada” que define representações e o “nível de aderência das pessoas aos lugares”.

Reunindo essas idéias, conseguimos selecionar elementos, variáveis, que no nosso entender, são fundamentais para se postular uma conceituação de “bairro”. Concluimos que em nossas investigações sobre noção de bairro devemos levar em consideração:

- Relações comunitárias;
- Relações de solidariedade;
- Mobilização por direito ao acesso do consumo coletivo;
- Predomínio de relações tradicionais;
- Delimitação política-administrativa;
- Mediação com o mundo;
- Presença de edificações de caráter cívico.

No nosso entender, todos esses fatores interrelacionados permitem mais do que uma definição fechada de um conceito; elas oferecem meios para delimitar a entidade “bairro”. Além de delimitar, entendemos que na presente fase da globalização, estas variáveis acabam por servir como indicadores da situação atual de uma determinada parcela do espaço urbano, antes seguramente por nós definida como bairro. Podemos nos fazer entender melhor utilizando o Bom Retiro como exemplo.

O Bom Retiro é um bairro onde as *relações comunitárias* são mais fortes no interior de cada comunidade imigrante, ou seja, se dá por ascendência comum. Ora, quando se chega a época em que as novas gerações se dispersam para outras áreas da cidade, essas relações tendem a enfraquecer, e já não mais passam a atuar no bairro como antes. No caso dos judeus, toda a movimentação que se fazia em torno das sinagogas e colégios, que antes agitava a comunidade do bairro, enfraqueceu-se ou foi transferida para outras localidades, assim como o número de freqüentadores das sinagogas diminuiu drasticamente. No caso dos italianos, que sempre foram uma comunidade aberta, não vemos nenhuma comemoração que fuja às tradicionais quermesses da igreja católica, que não diferem do resto da cidade; os clubes de várzea praticamente estão abandonados. Já as relações comunitárias dos coreanos são relativamente incipientes e se dão através das igrejas protestantes, compondo grupos muito fechados.

As *relações de solidariedade* também se dão no interior das comunidades. Os judeus mantêm suas próprias associações beneficentes, assim como os coreanos; coisa que não acontecem com os bolivianos e nordestinos, caracterizados pela total ausência de solidariedade, ficando a mercê das instituições públicas ou da igreja, que são de abrangência de toda a cidade.

A mobilização em torno do *acesso aos equipamentos coletivos* tem ocorrido dentro do setor comercial, através da sua associação local que, entre outras ações, já organizou mutirão de limpeza, reivindicou linhas de ônibus coletivos para o bairro,

²² Idem ao rodapé n. 9.

organizou festas comemorativas de seu aniversário, assim como exposições históricas.

Com as relações comunitárias e de solidariedade fragmentadas, dificilmente as *relações tradicionais* que caracterizam um bairro, como as de vizinhança, tendem a progredir e a prosperar por muito tempo, ou caminhar na direção de uma aspiração mais digna, que ultrapasse os limites da calçada de cada morador. É o que constatamos nas reuniões que comparecemos, da associação do moradores locais.

A única coisa sólida que se manteve no bairro ao longo do século XX foi a *delimitação político-administrativa*. Curiosamente, o bairro do Bom Retiro não se ampliou ou se reduziu em área de maneira significativa, seja em função dos limites imaginários dos seus moradores, seja na delimitação rígida do poder municipal. E por que isso? Porque os limites do Bom Retiro foram definidos pelas infra-estruturas da ferrovia e das avenidas, que se mantiveram praticamente inalteradas. Esse dado formou uma espécie de "elo perdido" onde todas as relações comunitárias aí se reproduziram e tomaram consciência coletiva do seu espaço local. Radicalmente à parte, evidentemente que sempre houve a polêmica em torno do Jardim da Luz, mas antes mesmo de pertencer a este ou aquele bairro, lem-

bramos que pode ser considerado mais como uma área de transição.

A *mediação com o mundo* sempre houve no Bom Retiro, não só por se tratar de um bairro cosmopolita (apesar dos italianos, judeus coreanos e bolivianos, é significativa a presença de gregos, armênios, até sírios e libaneses.), mas pelo fato de sua farta infra-estrutura, indústria e comércio facilitarem a sua comunicação com seu entorno (a área central de São Paulo), com os demais pontos da cidade, do estado e daí para com o mundo (essa intermediação é feita através do fluxo de pessoas, informações e mercadorias).

Por último, um dado interessante, quando levamos em consideração a presença de *edificações de caráter cívico*, é o fato de o Bom Retiro ser o bairro onde se concentra o maior número de clubes da cidade. Não obstante a essa constatação, estão todos, sem exceção, subtilizados, sendo que sua população local quase não os usufrui. Em verdade, são mais utilizados para o futebol "society" de moradores de outros bairros da cidade. Por outro lado, depois de anos abandonada, a associação de moradores, formada em sua maioria por idosos, passou a fazer reuniões periódicas no antigo Clube Luso-brasileiro, onde uma ou duas vezes por mês acontece o baile da terceira idade....

Bibliografia

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido se desmancha no ar*. Algumas notas sobre o modernismo em Nova York. Cia. Companhia da Letras. São Paulo. SP. 1987.

CHOI, Keum Joa. *Além do arco-íris: a migração coreana no Brasil*. Dissertação de mestrado. DH/FFLCH-USP. 1991.

FRANCO, Luiz Roberto C. & BRUNA, Paulo Júlio. *Área da Luz: Renovação urbana em São Paulo*. Ed. Perspectiva. São Paulo, SP. 1977.

LEFEBVRE, Henri. *A produção do espaço*. Cap.II: "O espaço social" tradução inédita do original "La Production de l'espace" por um grupo de estudos do Laboratório de Geografia Urbana do DG-

- USP, sob orientação da Profa. Dra. Ana Fani Alessandri Carlos.
- PINTO, Adolpho Augusto. *História da viação pública em São Paulo*. Ed. Gov. do Estado de São Paulo. Vol.II. 1977.
- REIS FILHO, Nestor Goulart. *São Paulo e outras cidades: produção social e degradação dos espaços públicos*. Ed. HUCITEC, São Paulo, 1994.
- SANTOS, Milton. *Por uma economia Política da cidade*. HUCITEC/EDUc. São Paulo, SP, 1994.
- _____. *Metamorfozes do espaço habitado*. HUCITEC. São Paulo, SP, 4ª ed., 1988.
- _____. *Técnica, Espaço, Tempo*. HUCITEC. São Paulo, SP, 2ª ed., 1996.
- _____. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. Ed. HUCITEC, São Paulo, 1996.
- SCARLATO, Francisco Capuano. "Bixiga : uma ideologia geográfica" in *Boletim Paulista de Geografia*. AGB-SP; São Paulo, SP. 1 sem. 1989.
- SILVA, Armando Corrêa. *A metrópole ampliada e o bairro metropolitano: O caso de São Paulo: O bairro da Consolação*. Tese de livre docência. DG/FFLCH/USP. São Paulo, SP. 1982.
- WOLFF, Egon & Irieda. *Guia histórico da comunidade judaica de São Paulo*. Ed. Binei B'rith s/c. 1988. São Paulo, SP. 1988.

